

Abel Barros Baptista

FUTILIDADE DA NOVELA
A REVOLUÇÃO ROMANESCA DE CAMILO CASTELO BRANCO

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
-------------------	----

PRIMEIRA PARTE

PROPEDÊUTICA DA REVOLUÇÃO CAMILIANA

1. DA CULPA – POSTULADO E DISPOSITIVO.....	19
2. DA REVOLUÇÃO – DEFINIÇÃO E PRESSUPOSTO.....	55
3. DA CRISE – PODER E PROGRAMA.....	71
4. DA PRÁTICA – GUERRILHA E NOME PRÓPRIO.....	105
5. DA ESTRATÉGIA.....	151

SEGUNDA PARTE

FIGURAÇÕES DO ROMANCISTA

1. <i>HABEAS CORPUS</i> (<i>MEMÓRIAS DO CÁRCERE</i>).....	155
2. A RESPONSABILIDADE DO ROMANCISTA (<i>O ROMANCE DUM HOMEM RICO</i>).....	173
3. O ROMANESCO “MINHOTO” (<i>NOVELAS DO MINHO</i>).....	193
4. OS ANTICORPOS DO <i>CORPUS</i> (AS POLÊMICAS).....	227

TERCEIRA PARTE

REVER O AMOR DE PERDIÇÃO

1. A TRADIÇÃO REVISIONISTA.....	247
---------------------------------	-----

2. O ERRO DE SIMÃO.....	255
NOTÍCIA BIBLIOGRÁFICA.....	287
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	289

APRESENTAÇÃO

Um dos persistentes lugares-comuns portugueses no capítulo das relações culturais com o Brasil diz que Eça de Queirós goza de imenso prestígio entre os brasileiros ao passo que Camilo, esse, poucos o conhecem. Ou, numa versão argumentativa, a fortuna brasileira de Camilo foi afetada pelo imbatível prestígio de Eça. Não vejo por onde começar a negar essa ideia, e num duplo sentido: nem me parece que seja falsa, nem me preocuparia demasiado em negá-la se assim a considerasse. Mas há uma razão para a referir na entrada da apresentação deste livro, escrito em contexto português e nele enraizado: é que o prestígio de Eça no Brasil pode ter — e o mais certo é que tenha mesmo — importado um antigo antagonismo na cultura portuguesa, tornando-se aquele argumento uma sua versão. Refiro-me ao antagonismo entre camilianos e queirosianos, hoje diluído, mais por fadiga do que por ação crítica, e talvez por isso ainda ativo.

Acontece que, durante décadas, os leitores portugueses ilustrados se dividiram entre os que apreciavam Eça e os que apreciavam Camilo. Essa rivalidade é o mais próximo que tivemos de uma guerra do cânone, a ponto de a própria “guerra” se ter tornado um lugar-comum. A alguém que, incauto, elogiasse Camilo, logo outro haveria de responder “prefiro claramente o Eça”. O fato de a preferência significar basicamente que o idólatra nunca chegou a ler qualquer

livro do escritor preterido só é relevante para confirmar a eficácia dos lugares-comuns. E de nada adiantou insistir nas trivialidades com que os mais bem-intencionados tentavam superar o antagonismo: que não há sentido em opor os dois escritores, que não temos tantos que possamos preferir um ao outro, que ler um não é incompatível com ler outro etc. A verdade é que o antagonismo decorre de uma visão teleológica da história do romance português e do dano consequente e irreversível. A visão teleológica resume-se assim: o romance português balbuciou infantilmente com os primeiros românticos, embora já propenso à história pátria; disparatou juvenilmente com Camilo, desordenado e um tanto primitivo; atingiu enfim a forma madura, a queirosiana, capaz de cumprir a finalidade última — representar Portugal. Em resultado, não devia fazer sentido valorizar ou cultivar a forma imatura, quando a madureza foi atingida com tanto brilho e segura consequência. O dano irreversível foi este: a ficção camiliana perdeu, durante todo o século XX, a oportunidade de se constituir escola da arte do romance. Em vez, os alunos frequentaram a escola queirosiana, afinal uma restrição dessa arte imposta pela amálgama ideológica a que então se chamava “ideia nova”.

A ficção queirosiana persiste, então, não apenas o paradigma da representação de Portugal pelo romance, mas ainda exemplo da suposição de que a finalidade de representação é a única compatível com a modernidade: Eça é moderno porque oferece uma representação válida de Portugal — entendendo-se por isso, e paradoxalmente, uma representação em que o leitor português contemporâneo reconhece a realidade em que vive — e porque oferece exemplo de romance organizado em função da finalidade de representar Portugal. De pouco adianta argumentar que Camilo tem do romance uma visão mais ampla e até mais moderna, se considerarmos a evolução romanesca de todo o século XX: enquanto persistir aquela visão teleológica, não se arranca Camilo à noção falsa de etapa de imatu-

ridade, quando muito necessária, mas já superada, na história do romance português.

Os ensaios deste livro procuram justamente desarticular o privilégio dessa visão teleológica, e apesar de escritos ao longo de vários anos, orientam-se no mesmo sentido: a história do romance português não pode fazer-se segundo o modelo da evolução linear em direção a uma forma superior porque madura, mas antes iluminando as rupturas que levaram o romance a tornar-se o gênero dominante na literatura portuguesa. O princípio deste livro é que o corpo dessas rupturas forma uma revolução e que Camilo a levou a cabo sozinho: o que aqui se chama propriamente a revolução camiliana.

Na primeira parte, a “Propedêutica da revolução camiliana”, onde o leitor encontra o que poderíamos designar “arqueologia do nome de Camilo”, analiso o processo através do qual o nome de Camilo passou a designar na literatura portuguesa, mais do que uma pessoa ou escritor, a revolução romanesca, o processo de imposição do romance moderno como gênero dominante e, mais ainda, o pleno êxito dessa revolução. Embora aborde o começo da carreira literária camiliana, o que nela se faz é essencialmente expor a tese de começo, a imposição do romance como revolução camiliana e a descrição da emergência do romancista enquanto nova figura de intelectual no espaço público. Trata-se de mostrar que, se não há romance sem romancista, o romancista não se confunde com nenhuma das figuras então existentes de intelectual e de escritor: Camilo criou essa nova figura e o seu nome confundiu-se com ela, ou mais precisamente, deu o seu próprio nome a uma nova figura de escritor, o romancista. Ao fazê-lo, Camilo rompe decisivamente com os pilares da noção de romance que se imputa à forma queirosiana: a finalidade de representação de Portugal e a submissão do romance às “ideias”. Camilo é, desde cedo, o romancista que trabalha em função de uma ideia de romance e reivindica a legitimidade de escrever indiferente quer às representações da nação quer à obrigação de a representar.